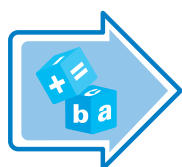


A dimensão social da Arte

Recursos e ideias para o Professor

Tipos de Atividades

Para dar suporte às aulas, seguem recursos, ferramentas e ideias no Material do Professor, correspondentes à Unidade acima:



Atividades em grupo ou individuais

São atividades que são feitas com recursos simples disponíveis.



Ferramentas

Atividades que precisam de ferramentas disponíveis para os alunos.



Avaliação

Questões ou propostas de avaliação conforme orientação.




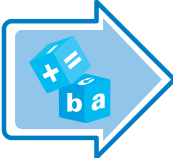
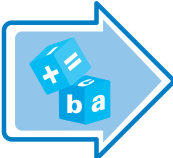

Exercícios

Proposições de exercícios complementares.

Seção 1 – Proposta ou protesto?

Páginas no material do aluno





49 a 62

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Eu em exposição (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>datashow</i>	Propor uma produção artística participativa, a partir da obra de Franz Erhard Walther, presente na 30ª Bienal de São Paulo.	Toda a turma.	2 aulas de 50 minutos + um intervalo do turno.
	Falando com o corpo eu falo mais alto... (Dança).	Computador e acesso à Internet; materiais diversos como: adereços, fitas, tecidos etc.	Criação, montagem e apresentação de uma performance, com tema a ser definido previamente pela turma.	Duplas, trios, pequenos grupos.	2 aulas de 50 minutos.
	Os batuques ecoam no século XXI (Música).	Imagens impressas ou reproduzidas no <i>Datashow</i> ; objetos selecionados pelos alunos.	A partir de observação, escuta e pesquisa, refletir sobre as manifestações populares do Maracatu, Tambor de Crioula e Jongo.	Individual ou em grupo.	2 aulas de 50 minutos.
	Cidade de Deus (Teatro).	Equipamento para a projeção de filme em DVD (<i>Datashow</i>).	Apreciação e debate sobre o filme <i>Cidade de Deus</i> , compreendendo a obra artística como instrumento de reflexão crítica sobre a sociedade brasileira.	Toda a turma.	2 aulas de 50 minutos (apreciação) + 1 aula de 50 minutos (debate).


Seção 2 – Arte: talento ou trabalho?

Páginas no material do aluno

62 a 72

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Arte como propaganda de arte (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	Observação de um cartaz de Toulouse-Lautrec para desenvolver a experiência de criar um cartaz para promover um evento artístico-cultural.	Grupos de três alunos.	2 aulas de 50 minutos.
	Meu trabalho é uma festa! (Dança).	Computadores com acesso à Internet.	Pesquisa sobre os profissionais de dança que fazem o Carnaval do Rio de Janeiro.	Grupos em número variável.	2 aulas de 50 minutos.
	Clementina de Jesus (Música).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	Estudo da vida da cantora Clementina de Jesus e reflexão sobre a profissão de artista.	Individual.	2 aulas de 50 minutos.
	<i>Orfeu da Conceição</i> na escola (Teatro).	Computador com acesso à Internet; cópias (em papel) com diferentes trechos de <i>Orfeu da Conceição</i> .	Leitura dramatizada de trechos da tragédia carioca <i>Orfeu da Conceição</i> , de Vinícius de Moraes.	Grupos em número variável.	2 aulas de 50 minutos.


Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Arte e revolução.	Computador com acesso à Internet.	Utilizar obras de diferentes linguagens artísticas (artes visuais, cinema, música, poesia) para discutir o caráter transformador da arte, tanto a nível pessoal quanto social.	Não há.	2 aulas de 50 minutos.

Seção 1 – Proposta ou protesto?

Páginas no material do aluno

49 a 62

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Eu em exposição (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i>	Propor uma produção artística participativa, a partir da obra de Franz Erhard Walther, presente na 30ª Bienal de São Paulo.	Toda a turma.	2 aulas de 50 minutos + um intervalo do turno.

Aspectos Operacionais

1º Passo: Apresente aos alunos as imagens a seguir e peça que descrevam o que estão vendo: onde as pessoas estão, o que estão fazendo, o material utilizado, como os espectadores se comportam nas fotos:



Figuras 1,2,3: *Head to Head Via Head* (Cabeça para Cabeça via Cabeça), 1967. Obra de Franz Erhard Walther (artista alemão), realizado na Trigésima Bienal de São Paulo – Iminência das Poéticas, 2012.

Fonte: Alda de Moura Macedo Figueiredo (acervo particular).

2º Passo: A partir dos comentários dos alunos, explique que a obra de Franz Erhard Walther ganha sentido e forma plena ao ser “acionada” pelo espectador, ou seja, a obra se completa quando usada, manipulada pelo público. Propostas para a manipulação e a interação, suas peças funcionam como instrumentos de ação para o espectador. Confeccionadas em tecidos de cortes retos, cores sóbrias e formas geométricas simples, os objetos de Walther demandam uma utilização quase sempre coletiva e geram instantes poéticos de troca, reconhecimento, estranheza e intimidade.

3º Passo: Ouça dos alunos se eles tomariam a iniciativa de sair do lugar distanciando e passivo do observador para entrar no local demarcado pelo artista (aqui, há um grande tapete preto no meio do salão, onde os sapatos são retirados para começar a experiência). Quem se propõe a entrar nesse espaço torna-se parte da obra: as pessoas que estão ao redor, calçadas, respeitando o limite do tapete, estão assistindo *passivamente* ao acontecimento: o público é parte material da obra do artista!

É importante ressaltar que, na proposta de Walther, cada peça de tecido, de vários modelos e formatos, possui uma indicação específica de uso. Dessa maneira, o voluntário a dar vida à obra segue uma bula de como utilizar o tecido e até como dobrá-lo, ao terminar a experiência. Essa característica faz com que o voluntário seja parte e material de sua proposta; é a intenção do artista atuar sobre o corpo do outro. Parece ser algo mecânico, mas é leve; não é preciso inventar algo, somente vivenciar a experiência com a outra pessoa que se torna sua parceira. A obra e o espaço da exposição são vistos de outro lugar por parte de quem vive a experiência; e, quem assiste, presencia movimentos simples e corriqueiros do dia a dia, vendo-se assim também “dentro” da obra.

Ir ao encontro do outro, olhar no olho ao dobrar o objeto, dividir e respeitar o espaço, seguir regras, tudo isso está presente na proposta de trabalho de Franz Erhard Walther para a 30ª Bienal de São Paulo – “A iminência das poéticas”, realizada em 2012. Atitudes simples, que deveriam estar presentes nas relações entre as pessoas na família, na escola, no trabalho, na sociedade. Seria a proposta de Franz Erhard Walther um manual de tolerância e civilidade?

4º Passo: Proponha para turma a elaboração de um objeto vivencial a ser montado no pátio da escola, no momento do intervalo do turno. Siga os passos de Franz Erhard Walther: crie um espaço no chão com fita adesiva de grande espessura, ou outro material que sirva a esta função de delimitação espacial. As peças da obra poderão ser de tecido, elástico, um lençol ou outros objetos maleáveis, definidos pela própria turma.

A turma deverá elaborar os gestos e o passo a passo da experiência, de preferência fotografando (por celulares) as cenas produzidas pelas pessoas que vivenciaram a obra. Devem ser propostas simples, como desdobrar e dobrar o tecido, envolver-se nele, interagir com o outro. Seria interessante um voluntário fazer a experiência no local escolhido, para que alunos de outras turmas entendam a proposta e participem. Uma variação possível: à entrada, cada dupla de participantes (se for uma proposta para duplas, por exemplo) recebe do professor uma “bula” com novas orientações, para que as propostas de ação não sejam totalmente previsíveis.

5º Passo: Ao fim do intervalo, acaba a experiência artística. Quando manipulados pelo público, os tecidos são a obra. Agora, são apenas “tecidos”, objetos comuns. Não há necessidade de explicar nada para os colegas no pátio. A experiência falará por si, podem surgir comentários no intervalo do dia seguinte. Será interessante a turma fazer um balanço da experiência na próxima aula de arte: como foi propor uma arte ativa? Que outras ideias podem ser abordadas dessa forma?

Aspectos Pedagógicos

Franz Erhard Walther é reconhecido internacionalmente por suas cinco décadas de investigação sobre as dimensões espaciais, sensoriais e temporais da obra de arte. Desde as primeiras experiências, no início dos anos de 1960, o trabalho de Walther tem ocupado uma posição de vanguarda, revelando como ele abandonou radicalmente os modos convencionais de pintura e escultura, a fim de examinar o *processo*, em vez do *produto* (a obra de arte propriamente dita). Nessa abordagem, ele utiliza os problemas tradicionalmente enfrentados pelos artistas visuais – a forma, os materiais, o espaço – para conceber objetos e imagens que desafiam o espectador a agir e interagir com a própria obra – é ela que mostra ao espectador o que deve ser feito.

Ao reconhecer o impacto da presença no espaço e as ações dos espectadores em tempo real, Walther tenta suspender a sensação de isolamento e observação passiva que é frequentemente associada com a visualização das obras de arte. Incidindo sobre o “fazer”, ele começou a envolver primeiro as mãos e depois todo o corpo em uma série

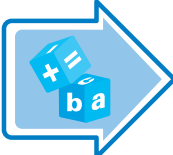
de atividades, tais como pressionar, dobrar e desdobrar, acondicionar, colar, cortar, e rasgar materiais maleáveis. Dessa maneira, o artista depende da curiosidade e da vontade de participar do espectador, pois a arte é experimentada como um evento efêmero em que produção e recepção da obra estão totalmente conectadas.

Ao olhar e usar as obras numa exposição, vale à pena considerar as consequências e dimensões da proposta de Walther - não só dentro da prática estritamente artística, mas também nas esferas sociais e políticas, pois a potencialidade de atos aparentemente modestos recai sobre nós, os espectadores, como um convite para atuar ativamente na construção – ou transformação – da realidade cotidiana.

Seção 1 – Proposta ou protesto?

Páginas no material do aluno

49 a 62

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Falando com o corpo eu falo mais alto... (Dança).	Computador e acesso à Internet; materiais diversos como: adereços, fitas, tecidos etc.	Criação, montagem e apresentação de uma performance, com tema a ser definido previamente pela turma.	Duplas, trios, pequenos grupos.	2 aulas de 50 minutos.

Aspectos Operacionais

1º Passo: Explicar ao aluno o que é *performance*, no contexto da arte. Este tipo de evento – que surgiu por volta da década de 1960 e consiste numa forma de expressão artística que pode incluir distintas linguagens como a música, poesia, vídeo, teatro ou outras – tem como principal técnica a improvisação dos artistas, diante de um público ocasional ou pré-estabelecido.

2º Passo: Apresentar o vídeo a seguir, explicando como é ampla e diversificada a escolha de meios (imagens, sons, palavras, gestos etc.) para a realização de cada trabalho que, como toda obra artística (enquanto linguagem), tem sempre algo a comunicar, discutir e refletir:

Trecho do programa "Metropolis" da TV Cultura, sobre o Encontro Hemispheric de *Performance* e Política, realizado em janeiro de 2013, na ECA-USP e no SESC Vila Mariana. Contém breve entrevista com Marcos Bulhões e Marcelo Denny, criadores da *performance* urbana Cegos. Publicado em 24/06/2013 em: <http://youtu.be/R6sMOVY-cg>

3º Passo: Pedir aos alunos, já organizados em pequenos grupos, que pensem sobre uma questão para a qual gostariam de chamar a atenção das pessoas (a importância da limpeza e preservação de uma praça local, por exemplo). Em seguida, que discutam com os colegas como apresentá-la, através de uma *performance*. Deve-se estimular um debate sobre os aspectos operacionais da obra (se é individual ou em grupo, com movimento ou estática, se há neces-

sidades específicas de espaço, equipamentos, horário etc.), a eficácia da ação e seus possíveis desdobramentos. Cada grupo fará um plano de ação/roteiro, definindo o(s) objetivo(s) da proposta e a função de cada participante (pesquisa de temas; elaboração de figurinos, objetos cênicos e adereços; sonorização ou outros recursos técnicos; etc.).

4º Passo: Operacionalização e execução da *performance*, de acordo com o plano/roteiro e as funções, combinadas previamente. Se possível, as práticas deverão ser filmadas para uma apreciação posterior, na avaliação verbal.

5º Passo: Apreciação e avaliação verbal. O aspecto mais importante a focar, aqui, será o da objetividade de cada proposta, isto é, se esta atingiu os objetivos pretendidos.

2º Passo: Agora explique para turma que a Figura 3 é uma fotografia de Vik Muniz desenvolvida com lixo e sucatas ilustradas pela Figura 2 e uma releitura da Figura 1, obra de Caravaggio. Proponha um debate sobre a seleção e o estudo dos materiais no processo criativo do artista.

3º Passo: Conclua a atividade solicitando que os alunos troquem os textos entre si para que analisem o que os colegas escreveram e façam a correção escrevendo na folha do colega o que foi explicado e debatido minutos antes. Esta prática possibilita uma eficiente avaliação da aprendizagem. Recolha para analisar o resultado do texto, que se tornou uma produção em dupla.

Aspectos Pedagógicos

A *performance* explora, sobretudo, as práticas do corpo como veículo para a criação de novos significados e para a comunicação de ideias, valores culturais, memória e identidade. Nesse contexto, dirige a criação artística principalmente para as coisas do mundo, a natureza e a realidade urbana. As *performances* articulam diferentes modalidades de arte - dança, música, pintura, teatro, escultura, literatura, cinema etc. - desafiando as classificações e convenções tradicionais.

Aqui no Brasil, o artista Flávio de Carvalho (1899-1973) é considerado o pioneiro da *performance*. Em 1931, realizou a sua célebre *Experiência Nº 2*, que consistiu em simplesmente caminhar, sem tirar o chapéu da cabeça e em sentido contrário, em meio aos fiéis dentro de uma procissão de Corpus Christi no centro de São Paulo. A ação, que era somente um experimento sobre o comportamento das multidões, foi designada, anos depois, como uma *performance*. Mas, naquele momento, foi considerada uma provocação: o artista foi perseguido por um grupo de participantes até uma lanchonete (onde se refugiou) e quase foi linchado, sendo salvo pela polícia.

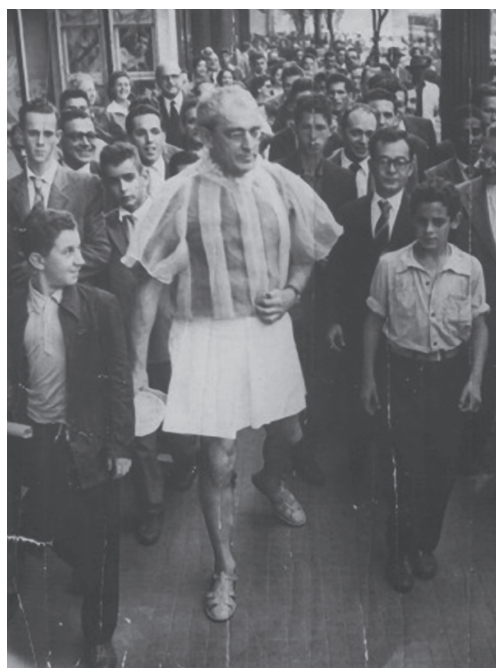


Figura 4: Flávio de Carvalho faz a sua *Experiência nº.3* (1956) no centro de São Paulo, após publicar uma série de artigos sobre moda em sua coluna no *Diário de São Paulo*. Por meio da *performance*, ele propõe, como alternativa ao uso do terno tradicional no calor tropical, um traje masculino composto de saia, blusa com mangas curtas e folgadas, chapéu plástico e sandálias de couro. Aqui, não houve violência, mas surpresa e curiosidade por parte dos transeuntes, sobretudo homens.

Fonte: <http://www.afterall.org/journal/issue.24/flavio-de-carvalho-from-an-anthropophagic-master-plan-to-a-tropical-modern-design>

A produção do artista plástico Hélio Oiticica (1937-1980) nos anos de 1960 – principalmente os famosos *Parangolés* – guardam estreita relação com a *performance*, por sua ênfase na participação do espectador na animação da obra de arte, ao imprimir dinamismo a objetos a princípio, estáticos: o "comportamento-corpo", como definiu o artista. Os "parangolés" consistiam em tecidos de diferentes texturas que, utilizados ou vestidos como adereços, tornavam-se obra plástica pelos movimentos da pessoa que os utilizava naquele momento. Sem isso, eram apenas "tecidos".

Em 1967, foi realizada a exposição coletiva "Nova Objetividade Brasileira", no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Nessa exposição, Hélio Oiticica apresentou *Tropicália*, obra que reproduzia o ambiente de uma favela, com um barraco de madeira sobre areia, cercado de bananeiras, onde o visitante podia entrar. A ideia de participação ativa na obra de arte transbordou para a canção popular, o cinema e o teatro, dando propulsão ao Movimento Tropicalista.

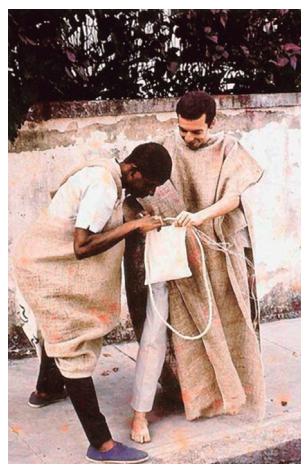


Figura 5: Hélio Oiticica e Nildo da Mangueira vestem *Parangolé P16, Capa 12, Da adversidade vivemos*.

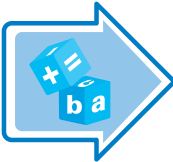
Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=33514>

O importante, caro professor, é que a *performance* seja compreendida pelos alunos como uma estratégia poética para dar visibilidade a uma determinada questão ou problema que, segundo eles, merece atenção (da escola, da comunidade etc), consistindo num momento de reflexão dinâmica, e não num mero pretexto para instaurar, no espaço escolar, qualquer tipo de ação predatória em relação ao patrimônio público e/ou às pessoas que nele convivem.

Seção 1 – Proposta ou protesto?

Páginas no material do aluno

49 a 62

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Os batuques ecoam no século XXI (Música).	Imagens impressas ou reproduzidas no <i>Datashow</i> ; objetos selecionados pelos alunos.	A partir de observação, escuta e pesquisa, refletir sobre as manifestações populares do Maracatu, Tambor de Crioula e Jongo.	Individual ou em grupo.	2 aulas de 50 minutos.

A afirmação das identidades culturais e a reapropriação das culturas populares pode se dar por meio da revalorização de manifestações como o Tambor de Crioula do Maranhão com sua dança circular, canto e percussão de tambores; os batuques dos Maracatus, anunciando o cortejo real e o Jongo, que integra percussão de tambores e a dança coletiva. São, estas, algumas das muitas formas de expressão de matriz afro-brasileira, tanto pela sua riqueza quanto pela sua história de luta, devem ser vistas, ouvidas e pesquisadas pelos alunos. Seus batuques ecoam por todos os Brasis com diferentes sons e sotaques. Os blocos de rua de carnaval como, por exemplo, o Olodum de Salvador (BA), são hoje os exemplos mais conhecidos, pela divulgação que conquistaram através da mídia.

Aspectos operacionais

1º Passo: Apresente textos, imagens e sons de pelo menos uma das manifestações populares destacadas e peça aos alunos que as observem e escutem.



Figura 6: Xilogravura apresentando o Maracatu. Observe que o estandarte abre caminho para o cortejo; os Reis do Congo são protegidos pelo grande chapéu de sol e, atrás, vão os atabaques.

Fonte: https://www.google.com.br/search?q=xilogravura+maracatu&newwindow=1&espv=2&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=DkLFU6ewJezksASlo4DQAw&ved=0CB0QsAQ&biw=1366&bih=667#facrc=_&imgdii=_&imgsrc=qEH0Pn-la8NJGM%253A%3Bjn9cNKysxMC7JM%3Bhttp%253A%252F%252Fmaracatu.org.br%252Fo-maracatu%252Ffiles%252F2009%252F05%252Fgravura_breve_historia.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fmaracatu.org.br%252Fo-maracatu%252Fbreve-historia%252F%3B500%3B309

Áudio: Evolução da bateria do Maracatu Estrela Brilhante do Recife.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=GmuOoeuubs>



Figura 7: No Tambor de Crioula do Maranhão, a dança é executada pelas mulheres, cada uma entrando a seu tempo na roda para desenvolver a coreografia.

Fonte: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=856:tambor-de-crioula&catid=54:letra-t&Itemid=1

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=RcGskX5MjEk>



Figura 8: Jongo na Fazenda Machadinha, em Quissamã (RJ).

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jongo#mediaviewer/Ficheiro:Jongo_em_machadinha8_adilson_dos_santos_alta.jpg

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=jXbEhFrNXMM>

2º Passo: Em pequenos grupos, os alunos devem conversar sobre as manifestações que conhecem ou das quais participam.

3º Passo: Leia os textos. A seguir, proponha uma reflexão sobre a origem destas manifestações populares. Peça para que, em grupos, escrevam um texto sobre uma destas manifestações.

Aspectos Pedagógicos

Leituras de textos recolhidos em sites oficiais da Internet são, hoje, um modo bastante produtivo e ágil de conhecer os principais aspectos teóricos e históricos das diversas manifestações populares brasileiras. Apresentamos, a seguir, alguns trechos que podem ser utilizados para esse fim:

Texto nº 1 - O Maracatu

Manifestação afrodescendente da cultura popular brasileira. No carnaval de Pernambuco, os batuques dos maracatus anunciam o cortejo real. Seguem a dama que leva a calunga (boneca enfeitada) e o grupo, em evoluções coreográficas. Surgiu durante o período escravocrata, provavelmente entre os séculos XVII e XVIII a partir das coroações e autos do Rei do Congo. Os eleitos como Rainhas e Reis eram lideranças políticas entre os cativos: intermediários entre o poder do Estado Colonial e as mulheres e homens de origem africana. Destas organizações, que passaram a realizar encontros e rituais em torno dessas representações sociais, teriam surgido muitas manifestações culturais populares. Com a abolição da escravidão, o Maracatu passou gradualmente a ser caracterizado como um fenômeno típico dos carnavais recifenses. É dançado ao som de tambores, chocalhos e gonguê – um tipo de instrumento percussivo originado na África.

Após um intenso processo de decadência dos maracatus de Recife, durante quase todo o século XX, ocorreu, nos anos 1990, o que poderíamos chamar de “Boom do Maracatu”. A prática adquiriu uma notoriedade que nunca

havia conquistado antes, sendo provavelmente resultante, entre outras coisas, da ação do Movimento Negro Unificado (MNU) junto a Nação Leão Coroado, (uma das nações de maracatu mais tradicionais de Recife), do movimento Mangue Beat (cujos principais expoentes são Chico Science e o grupo Nação Zumbi, a Banda Mestre Ambrósio, entre outros), e do grupo Nação Pernambuco (uma de suas principais marcas foi ter separado a dimensão da música e da dança do Maracatu de sua dimensão original, religiosa).

Fonte: <http://maracatu.org.br/o-maracatu/historia/>(adaptado)

Texto nº 2 - Tambor de Crioula do Maranhão

O Tambor de Crioula do Maranhão é uma forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores. Seja ao ar livre, nas praças, no interior de terreiros, ou associado a outros eventos e manifestações, é realizado sem local específico ou calendário pré-fixado e praticado especialmente em louvor a São Benedito. Essa manifestação afro-brasileira ocorre na maioria dos municípios do Maranhão, envolvendo uma dança circular feminina, canto e percussão de tambores. Dela, participam as “coreiras” ou dançadeiras, conduzidas pelo ritmo intenso dos tambores e pelo impulso das toadas evocadas por tocadores e cantadores, culminando na “punga” ou umbigada – gesto característico, entendido como saudação e convite.

Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=719>(adaptado)

Texto nº 3 - Jongo

Manifestação cultural afro-brasileira, o jongo é uma forma de expressão que integra percussão de tambores e dança coletiva. Suas raízes estão nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, sobretudo os de língua bantu. É cantado e tocado de diversas formas, dependendo da comunidade que o pratica. Consolidou-se entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café e cana-de-açúcar, localizadas no sudeste brasileiro. É um elemento de identidade e resistência cultural para várias comunidades e também espaço de manutenção, circulação e renovação do seu universo simbólico.


A cantora Clementina de Jesus (1901-1987) gravou no seu LP “Clementina de Jesus” de 1966, a faixa: *Cangoma me chamou*, um canto recorrente em várias comunidades jongueiras, em versão arranjada e adaptada musicalmente pela própria Clementina.

Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3652>(adaptado)

Seção 1 – Proposta ou protesto?

Páginas no material do aluno

49 a 62

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Cidade de Deus (Teatro).	Equipamento para a projeção de filme em DVD (Datashow).	Apreciação e debate sobre o filme <i>Cidade de Deus</i> , compreendendo a obra artística como instrumento de reflexão crítica sobre a sociedade brasileira.	Toda a turma.	2 aulas de 50 minutos (apreciação) + 1 aula de 50 minutos (debate).

Aspectos Operacionais

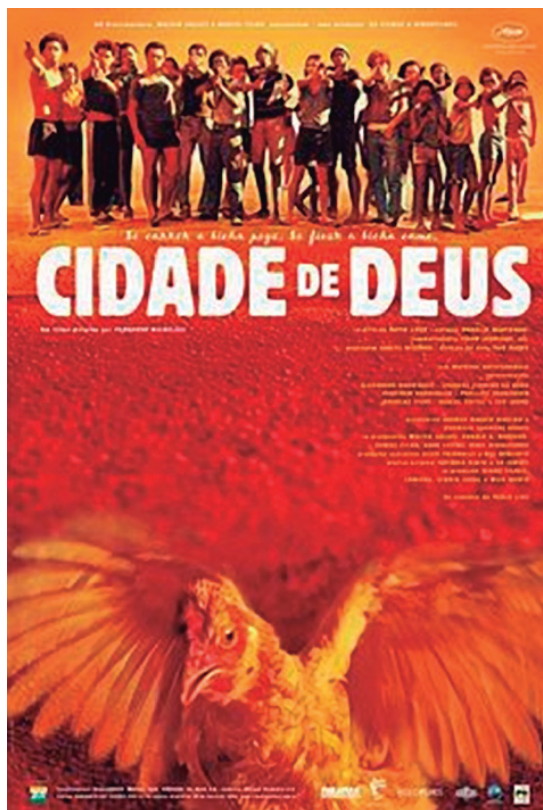


Figura 9: Pôster de divulgação de *Cidade de Deus* (2002), drama do cinema nacional dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund, adaptado por Bráulio Mantovani a partir do livro homônimo de Paulo Lins. Em primeiro plano, a galinha que consegue fugir de um trágico destino – metáfora do protagonista Buscapé, menino da favela que dá título à obra.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_de_Deus_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_de_Deus_(filme))

1º Passo: Programe, em sua escola, um momento para a exibição do filme *Cidade de Deus* (lembre-se de que serão necessárias duas aulas somente para esta etapa da atividade). Antes da exibição propriamente dita, informe aos alunos sobre as diversas indicações ao Oscar recebidas pelo filme em 2004: Melhor Diretor (Fernando Meirelles), Melhor Roteiro Adaptado (Bráulio Mantovani), Melhor Edição (Daniel Rezende) e Melhor Fotografia (CésarCharlone).

2º Passo: Assista ao filme junto com seus alunos. No final da exibição (ou na aula seguinte), comente a respeito do período histórico em que a história se passa, chamando a atenção da turma sobre aspectos que auxiliam essa identificação (tipo de caracterização e vestuário dos personagens; trilha musical; modelos de carros etc.), e também para os modos como o filme cria as passagens de tempo e as transformações (da cidade, da favela, dos moradores) que as acompanham.

3º Passo: Estimule a turma a pesquisar sobre os temas abordados no filme, tais como: o processo de favelização das grandes cidades; o tráfico de drogas e armas; o estupro; a corrupção policial; a exploração da violência urbana pela mídia etc., percebendo as relações entre os mesmos. É importante que as discussões/pesquisas extrapolem a esfera individual e pessoal dos personagens para alcançar uma dimensão mais ampla dos problemas sociais que eles “personificam” no filme.

4º Passo: Apresentação dos resultados das pesquisas aos colegas, como forma de aprofundar o debate iniciado com a exibição do filme.

Aspectos Pedagógicos

Cidade de Deus retrata as origens sociais do crime organizado na cidade do Rio de Janeiro, entre o final da década de 1960 e o início da década de 1980. O elenco principal do filme é formado por Alexandre Rodrigues (Buscapé), Douglas Silva (Dadinho, Zé Pequeno criança), Leandro Firmino da Hora (Zé Pequeno adulto), Phellipe Haagensen (Bené), Matheus Nachtergaele (Cenoura) e Seu Jorge (Mané Galinha), dentre outros atores que eram, em sua maioria, apenas moradores do Morro do Vidigal e da Cidade de Deus, sem nenhuma experiência profissional, que o diretor Fernando Meirelles levou dois anos para selecionar e preparar.

Cidade de Deus recebeu críticas impressionantes de países de grande tradição cinematográfica; por exemplo, a sua escolha pela revista *Time*, como um dos melhores filmes da história do cinema. Outras premiações: Melhor filme estrangeiro pela *British Independent Film Awards* – Inglaterra (2003); Melhor Filme e Melhor Diretor no Festival de Cartagena – Colômbia (2003); 9 prêmios no Festival de Havana – Cuba (2002); 6 prêmios no Grande Prêmio Cinema Brasil (2002); Melhor filme estrangeiro pela *NYFCC Awards* – EUA (2003), dentre vários outros. Em 2010, foi escolhido pela Revista *Empire* – EUA como o sétimo melhor filme do cinema mundial.


É imprescindível que você, professor, assista ao filme e reflita sobre ele (se possível, com outros professores de sua escola) *antes de sua exibição para os alunos*, para que a proposta desta atividade fique totalmente clara, pois se trata de uma obra com recomendação de faixa etária devido à violência “crua” de certas cenas e da linguagem “chula” de alguns personagens. Contudo, estes aspectos pontuais devem ser tratados como secundários em relação ao objetivo principal, que é propiciar aos alunos a oportunidade de, por uma obra artística (neste caso, construída em linguagem

cinematográfica), perceberem as estratégias e elementos cênicos utilizados na construção da obra artística para criar efeitos de tempo, espaço, narratividade, caracterização, aspectos psicológicos dos personagens, interligando fatos reais e ficcionais para colocar em cena as relações existentes entre a condição de vida dos personagens e suas “tragédias” pessoais e sociais – resultantes de certas políticas públicas que, como mostra o filme, podem levar toda uma população à exclusão social (favelização) e até mesmo ao crime (tráfico de drogas, criação de facções, corrupção etc.).

Seção 2 – Arte: talento ou trabalho?

Páginas no material do aluno

62 a72

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Arte como propaganda de arte (Artes Visuais).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	Observação de um cartaz de Toulouse-Lautrec para desenvolver a experiência de criar um cartaz para promover um evento artístico-cultural.	Grupos de três alunos.	2 aulas de 50 minutos.

Aspectos Operacionais

1º Passo: O que vemos? Faça esta pergunta para a turma ao apresentar o cartaz de Toulouse-Lautrec. É possível que descrevam a cena, o que as pessoas estão fazendo, onde estão. Mas talvez não vejam a imagem como uma propaganda publicitária. Esse é o ponto mais importante. Estamos diante de uma cena de um espetáculo de dança representado no cartaz que informa o local (*Moulin Rouge* – uma célebre casa de espetáculos de Paris do início do século XX), o evento (*ConcertBal*, concerto de dança), o período (*Tous les soirs*: “todas as noites”), a dançarina principal (*La Goulue* – uma também famosa *vedette* da época) e, também, a assinatura do artista no canto inferior esquerdo.



Figura 10: Cartaz (de 1891) de Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901) no qual aparecem La Goulue, uma popular dançarina de Cancan, e seu parceiro, o dançarino Valent.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/La_Goulue#mediaviewer/Ficheiro:Lautrec_moulin_rouge_la_goulue_\(poster\)_1891.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/La_Goulue#mediaviewer/Ficheiro:Lautrec_moulin_rouge_la_goulue_(poster)_1891.jpg)

A proposta da atividade é despertar no aluno que está finalizando a sua formação em EJA um outro olhar para a arte, vendo-a como possibilidade profissional em vários campos. Aqui, temos o exemplo de um artista que revolucionou o olhar para o cartaz e para a litografia no que diz respeito à popularização e à comercialização de suas produções. Hoje, o *design* gráfico possui como ferramenta os programas de computador, e é um mercado em franca expansão.

2º Passo: Converse com os alunos sobre os eventos que eles costumam frequentar: bailes, shows, restaurantes com música ao vivo, apresentações musicais religiosas e outros. A partir da influência do trabalho de Toulouse-Lautrec, proponha a elaboração de um cartaz com os mesmos itens do cartaz do artista, com uma ilustração instigante e letras atrativas, em grupos de três alunos. Seria interessante desenvolver esta atividade no Laboratório de Informática da escola, aproveitando recursos como tipos de letras e pesquisa de imagens; se sua escola não tiver um, tente fazer artesanalmente com materiais e técnicas simples como recorte e colagem de revistas, folhetos de propaganda, jornais, fios, tecidos etc., para criar um cartaz promovendo um evento da própria escola.

Frise para os alunos que, nesta situação, os elementos das artes visuais estão a serviço de outras linguagens artísticas: música, dança, teatro, cinema, por exemplo, além de ter um objetivo comercial claro – a propaganda!

Aspectos Pedagógicos

Henri de Toulouse-Lautrec, pintor e desenhista francês, trabalhou por menos de vinte anos, mas deixou um legado artístico importantíssimo, tanto em relação à qualidade e à quantidade de suas obras, como também no que se refere à popularização e à comercialização das artes visuais. Pode-se dizer que foi um dos primeiros a quem se po-


deria atribuir o título de “artista gráfico”, pois muito tempo antes de existir esse termo, Toulouse-Lautrec revolucionou o *design* dos cartazes publicitários, contribuindo para definir o estilo que posteriormente ficou conhecido como *Art Nouveau*. Testemunha da vida noturna de *Montmartre* – bairro boêmio de Paris - criou cartazes promocionais dos cabarés e teatros, participando ativamente na Revolução Industrial do século XIX, quando diferentes técnicas de arte passaram a ser utilizadas para fins comerciais. O cartaz litográfico colorido foi uma nova ferramenta de divulgação de locais de lazer parisienses. É o início da publicidade!

Toulouse-Lautrec notabilizou-se pela habilidade de capturar as pessoas em seu ambiente de trabalho, com as cores e o movimento pulsante da vida noturna. Usava muito vermelho, cabelos cor de laranja e verde limão para traduzir a atmosfera elétrica da vida noturna. Era um mestre do contorno, podia retratar cenas de grupos de pessoas onde cada pessoa podia ser identificada apenas pela silhueta. Frequentemente ele aplicava a tinta em uma estreita e longilínea pincelada, deixando o contorno aparecer, mas nunca encobrindo por completo o traço forte do desenho. O contorno simples era a sua “marca registrada” desde o início da carreira. Não pintava sombras, nem paisagens. Suas pinturas sempre incluíam pessoas (um grupo ou indivíduo), pintadas em apenas 4 ou 5, raramente 6 cores justapostas em delicadas modulações.

Seção 2 – Arte: talento ou trabalho?

Páginas no material do aluno

62 a 72

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Meu trabalho é uma festa! (Dança).	Computadores com acesso à Internet.	Pesquisa sobre os profissionais de dança que fazem o Carnaval do Rio de Janeiro.	Grupos em número variável.	2 aulas de 50 minutos.

Aspectos Operacionais

1º Passo: Conversar com os alunos sobre o Carnaval, festa preferida dos cariocas e turistas que vêm no verão para a cidade do Rio de Janeiro assistir ao Desfile das Escolas de Samba. Os principais aspectos para os quais o professor deve chamar a atenção dos alunos são a música – o samba enredo – e os movimentos dos componentes que desfilam pela Avenida Marquês de Sapucaí em passos improvisados ou coreografados por especialistas.

2º Passo: Apresentar os vídeos seguintes, destacando a participação de profissionais do samba, anônimos ou famosos, que se destacam no Carnaval do Rio de Janeiro.

a) Compositor

Escolha do samba enredo da Portela 2014. Reportagem exibida no programa Fantástico da emissora de TV

Globo, acerca dos bastidores da escolha do samba-enredo dessa Escola de Samba, para o carnaval de 2014. Publicado em 20/10/2013.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=NVoizErE1HE>

b) Passista

Comissão de frente - Salgueiro 2014. O vídeo apresenta um trecho que marcou o Carnaval de 2014, em que a referida Escola de Samba coloca em pleno desfile a magia da levitação, realizado durante a coreografia de sua Comissão de Frente.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=DMBxK6PC0Ak>

c) Coreógrafo

Curta metragem sobre a comissão de frente da Mangueira, feita por estudantes do Colégio Estadual José Leite Lopes. Entrevistas: Carlinhos de Jesus, Raymundo de Castro e Chiquinho da Mangueira. Publicado em 14/04/2014.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=qOW5TLJiy08>

3º Passo: Pesquisar, em grupos, sobre as atividades profissionais (dançarino, coreógrafo, sambista/ritmista, intérprete) ligadas ao universo do Carnaval, por meio de um trabalho de campo. Utilizar instrumentos de pesquisa como: entrevistas com pessoas da própria comunidade; coleta de dados e informações sobre o tema, obtidas por diferentes meios: Internet, revistas, jornais etc. Fazer o registro escrito, iconográfico (fotos) e audiovisual (filmagens) das pessoas, dos ambientes e das atividades relacionadas à pesquisa.

Sugestões para a entrevista: registro dos dados pessoais; verificar se os sujeitos da pesquisa desenvolvem outras atividades profissionais, como se deu o contato com o Carnaval, se a família também está envolvida na atividade; memórias, alegrias e dificuldades do trabalho, ontem e hoje, perspectivas futuras etc.

Aspectos Pedagógicos

A questão principal, nesta atividade, é destacar para os alunos que, embora a maioria das pessoas participe do Carnaval apenas por prazer e lazer, há neste universo todo um campo de estudo e labor que envolve profissionais de alto nível que trabalham antes, durante e depois do período da festa propriamente dita.

Em relação às atividades profissionais ligadas especificamente à dança, destacam-se as seguintes:

- a) Bailarino/dançarino: cria e executa coreografias, individualmente ou em conjunto.
- b) Coreógrafo: planeja e define sequências de movimentos que serão executados pelos bailarinos.
- c) Diretor de cena: cria e coordena apresentações de dança. Seleciona e dirige os dançarinos de uma companhia de dança, orientando assistentes de cenografia, figurinistas e iluminadores sobre a sua concepção cênica; ou, ainda, cria, monta e dirige espetáculos/cenas de dança para teatro, cinema ou TV.
- d) Professor de dança: o profissional habilitado pelo Curso de Bacharelado pode atuar na recuperação e reintegração de adolescentes, crianças e portadores de deficiência física e mental, em instituições penais e de saúde. Com o Curso de Licenciatura Plena em Dança, o profissional pode ministrar aulas em escolas de dança e academias, cursos técnicos e

curiosos livres, coordenar *workshops* e oficinas de dança ou atuar como professor docente de Arte em estabelecimentos oficiais de ensino fundamental e médio. A pós-graduação qualifica o profissional a atuar no ensino superior.

e) Produtor cultural: viabiliza a exibição de espetáculos de dança, conseguindo patrocínios, administrando o orçamento e providenciando os locais de ensaio e os materiais necessários para a sua realização.


É importante ressaltar que, para atuar como bailarino profissional no mercado de trabalho, é preciso possuir um atestado de capacitação profissional fornecido nos municípios brasileiros pelos sindicatos da categoria, ou órgão correspondente. Para obter o documento, é necessário comprovar a formação por meio de currículo.

Fonte: <http://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/artes-design/danca-691916.shtml>

Seção 2 – Arte: talento ou trabalho?

Páginas no material do aluno

62 a 72

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Clementina de Jesus (Música).	Imagens impressas ou exibidas com <i>Datashow</i> .	Estudo da vida da cantora Clementina de Jesus e reflexão sobre a profissão de artista.	Individual.	2 aulas de 50 minutos.

Aspectos Operacionais

Integrando o que foi visto nesta Unidade sobre a arte como trabalho, cultura popular e identidade cultural, a última atividade de Música do EJA está relacionada a uma grande figura do cenário musical do Rio de Janeiro, que nasceu e viveu no berço da cultura afrodescendente com toda a sua riqueza, na adolescência participou de manifestações populares, entre elas o nascimento das escolas de samba, e na maturidade viveu do trabalho com sua voz e da bagagem cultural adquirida antes.

1º Passo: Leia para a turma o texto a seguir, sobre a infância e adolescência da Clementina de Jesus e coloque o áudio. Peça para que destaquem todas as manifestações populares vividas pela artista.

Texto 1:

O pai de Clementina de Jesus da Silva (1901-1987), nascida em Valença, era pedreiro, carpinteiro, mestre de capoeira e violeiro. Sua mãe, dona Amélia, era lavadeira, parteira e rezadeira; filha de escravos, cantava em línguas das nações africanas que formavam a comunidade negra de Valença, de origem *bantu*. Cantava, também, hinos de igrejas e cantigas aprendidas com os pais e com os mais velhos ligados ao jongo e caxambu, além decorimas, jongs, lundus,

incelências e modas, enquanto lavava. Foi provavelmente nesta época que Clementina aprendeu os cantos de escravos que, anos mais tarde, fariam a sua fama. Aos oito anos mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. No bairro de Jacarepaguá, um vizinho *festeiro* (organizador de festividades populares) que sempre escutava a menina cantando dentro de casa, ofereceu a ela o papel de solista em procissões e festas religiosas. Clementina participava dos pastoris e ganhou dele o apelido de Quelé. Nesse folgado natalino de origem portuguesa, cada figurante assume um papel. Clementina era a Peixeira, mas decorou e guardou os cantos de todos os personagens. Aos 12 anos, desfilava no Bloco Moreninhas das Campinas. Três anos depois, já cantava no coro de uma das muitas igrejas do bairro de Oswaldo Cruz. Por essa época, já frequentava as rodas de samba na casa de Dona Maria Nenê.

Áudio: *Canto dos Escravos*, interpretado por Clementina de Jesus (Quelé).

<https://www.youtube.com/watch?v=8YRTAuEjak8>

2º Passo: Ler o texto seguinte sobre sua juventude, ressaltando a riqueza das experiências vividas nas manifestações populares. Coloque o áudio. Debata com a turma sobre o trabalho de Clementina e sua vida cultural.

Texto 2:

Após a morte do pai, a situação financeira da família ficou muito complicada e Clementina de Jesus não teve outra alternativa a não ser trabalhar como empregada doméstica, lavadeira e passadeira. Durante mais de 20 anos, esta foi a atividade que a sustentou. Clementina de Jesus dizia que, na casa onde trabalhava como empregada doméstica, todos gostavam de ouvi-la cantar, com exceção da proprietária, que dizia que a sua voz era irritante e parecia um miado de gato... Na casa de Mané Psado, área de samba e curimã em Oswaldo Cruz, participou de festas em honra dos orixás. “Não que fosse crente” – contava, mas gostava da festa e da oportunidade de cantar. No final dos anos 20, passou a frequentar blocos de Carnaval que, depois, se tornariam escolas de samba. Acompanhou de perto o surgimento e desenvolvimento da Portela, frequentando desde cedo as rodas de samba da região. Foi amiga de Pixinguinha, Donga, João da Baiana, Paulo da Portela, foi ensaiadora de pastoras de Heitor dos Prazeres, conheceu tia Ciata, em cujo terreiro nasceu o samba carioca, e cantou em seus candomblés. Foi amiga de Dona Zica, mais tarde esposa de Cartola, e desfilou em curso com Noel Rosa, em 1930. Foi diretora da escola de samba Unidos do Riachuelo, amiga de Aniceto (que fundou o Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano), mas achava que não era artista! Virou manguieirense quando conheceu seu primeiro marido Albino Correia da Silva, o Pé Grande, fanático torcedor da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Participava de festas das igrejas da Penha e de São Jorge, cantando canções de romaria.

Agora, ouça *Vai, saudade...*, samba de Candeia e David do Pandeiro na interpretação de Clementina de Jesus.

Áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=6JMIKV7Ypks>

3º Passo: Leia o texto da “descoberta” da artista Clementina na 3ª idade. Suas glórias e dificuldades. Coloque o áudio e peça para que relacionem a vida da artista com o que foi visto nesta Unidade, sobretudo no que diz respeito aos aspectos da arte como forma de trabalho e sustento e a questão do “talento”. Por exemplo, refletir se Clementina tinha ou não talento; e, em caso positivo, refletir porque ela fez sucesso tão tarde, na vida.

Texto 3:

O letrista e produtor musical Hermínio Bello de Carvalho ouviu-a numa tarde no restaurante Taberna da Glória, em 1963; foi encontrá-la novamente apenas no ano seguinte, quando a convidou para fazer seu primeiro show. O sucesso foi imediato, a ponto de Carvalho criar o musical "Rosas de Ouro" que percorreu as principais capitais brasileiras consagrando Clementina, que ocupou papel de destaque. Passou a ser considerada a Rainha do Partido Alto, com seu timbre de voz inconfundível. Além deste gênero, gravou também jongos, cantos de trabalho e outros, recuperando a memória da conexão afro-brasileira. Em 1983, foi homenageada em um espetáculo no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com a participação de sambistas consagrados como Paulinho da Viola, João Nogueira, Elizeth Cardoso e outros. Em 1985, recebeu do governo francês a "Comenda da Ordem das Artes e Letras", prêmio concedido a artistas excepcionais. O reconhecimento, porém, chegou muito tarde para Clementina. Morreu pobre, aos 85 anos, no dia 19 de julho de 1987, em consequência do quinto derrame. Mas, a humildade de sua condição não impediu que tenha sido e continue sendo, para muitos, uma rainha no Império do Samba. Sua discografia básica consta de 11 álbuns.

Ouça, agora, Clementina de Jesus cantando *Me dá meu boné*.

Áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=TUISBIIBhK0>



Figura 11: Clementina de Jesus no Festival de Verão do Guarujá (1981).

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Clementina_de_Jesus

Aspectos Pedagógicos

É importante ressaltar que o universo da música não vive apenas do músico, e que enquanto campo de trabalho é um complexo multifacetado, formado por uma gama de atividades profissionais, que vão desde o artista propriamente dito, passando ainda pelo mestre popular, como o "tocador de rabeca", e o professor de música (do qual fazem parte os músicos instrumentistas com formação de Bacharel ou Licenciatura Plena em Música, que atuam em cursos livres e em escolas, públicas e privadas), o cantor/intérprete, o compositor, o arranjador, o letrista, o regente de


coro, o maestro de orquestra, até as atividades de pesquisador, produtor cultural, gestor de projetos em Organizações Não Governamentais, gestor público e muitas outras.

O carioca Hermínio Bello de Carvalho – poeta, compositor e produtor musical – é, desde jovem, um ativista cultural na valorização da identidade brasileira, segundo o ideário do nacionalismo de Mario de Andrade e Villa-Lobos. Por isso é considerado, hoje, uma das mais importantes referências para o mundo do samba. Foi um dos responsáveis pelo sucesso de Clementina de Jesus, reunindo-a com o violonista Turíbio Santos no musical "Rosa de Ouro" que estreou em 1965 e contava com a grande dama do teatro de revista Aracy Cortes, além de outros veteranos que constituíam o “núcleo de resistência” do samba, nessa época: Paulinho da Viola, Elton Medeiros, Nelson Sargento e Jair do Cavaquinho. Na área da produção, estando à frente da Fundação Nacional de Arte – Funarte nos anos 70/80, criou e implantou o Projeto Pixinguinha, que percorre o país com espetáculos musicais a preços populares.

Seção 2 – Arte: talento ou trabalho?

Páginas no material do aluno

62 a 72

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	<i>Orfeu da Conceição</i> na escola (Teatro).	Computador com acesso à Internet; cópias (em papel) com diferentes trechos de <i>Orfeu da Conceição</i> .	Leitura dramatizada de trechos da tragédia carioca <i>Orfeu da Conceição</i> , de Vinícius de Moraes.	Grupos em número variável.	2 aulas de 50 minutos.

Aspectos Operacionais

1º Passo: apresente à turma o vídeo (publicado em 18/04/2014), que mostra um trecho da leitura dramatizada da tragédia carioca *Orfeu da Conceição*, por atores do grupo teatral Nós do Morro. A peça teatral criada, em 1954, pelo poeta e compositor Vinícius de Moraes (1913-1980), é um marco do teatro brasileiro por levar a realidade afro-brasileira para os palcos.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=CkNjr98BtgQ>

2º passo: observe, com seus alunos, as fichas técnicas do espetáculo *Orfeu da Conceição* presentes nos cartazes de Carlos Scliar e Ventura para a estreia de 1956, presentes no site <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/teatro/orfeu-da-conceicao>

Explique que a “ficha técnica” tem a função de informar ao público quem são as pessoas que fazem parte de

uma produção artística e suas respectivas funções e, por isso, é também um documento que comprova a participação do profissional num espetáculo teatral.

3º Passo: Organize a turma em grupos, para fazer a leitura dramatizada de trechos de *Orfeu da Conceição* – tragédia carioca em três atos. O número de alunos deverá variar conforme o número de personagens presentes nas partes utilizadas para a atividade. O texto, na íntegra, se encontra em no site:

<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/teatro/pecas/orfeu-da-conceicao>

4º Passo: Se a turma ficar entusiasmada com a atividade, proponha a realização da leitura dramatizada como um evento de Arte, aberto ao público da própria escola, a ser realizado em dia e local definidos coletivamente. Nesse caso, será interessante a turma criar cartazes de divulgação, nos quais deverão constar os dados da ficha técnica.

Aspectos Pedagógicos

Influenciado por incursões nos morros, terreiros de candomblé e escolas de samba em sua juventude, Vinicius de Moraes transpôs o mito grego de Orfeu para uma favela carioca, aproximando-se, portanto, da tragédia grega. A ideia se transformou no espetáculo *Orfeu da Conceição*, que estreou no dia 25 de setembro de 1956 no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, contando com uma constelação de artistas em sua ficha técnica: Antônio Carlos Jobim compôs as músicas, Oscar Niemeyer criou os cenários, Carlos Scliar e Djanira fizeram os cartazes, o Teatro Experimental do Negro de Abdias Nascimento forneceu os atores para o elenco (o próprio Abdias, Haroldo Costa, Ademar Pereira da Silva, Ruth de Souza entre outros, na segunda vez em que atores negros ocuparam o palco “sagrado” do Municipal). No ano seguinte, o diretor de cinema francês Marcel Camus iniciou, no Rio de Janeiro, as filmagens de *Orfeu Negro*. Vinicius compôs, para o filme, as canções “A Felicidade” e “O Nosso Amor”. O filme recebeu a Palma de Ouro no Festival de Cinema de Cannes (1959), o Oscar de melhor filme estrangeiro e o Globo de Ouro (1960).

No mito grego, a versão mais aceita é a de que Eurídice morrepicada por uma cobra, e vai para o mundo dos mortos. Seu marido Orfeu, filho da musa Calíope e do deus Apolo, desce a esse mundo das profundezas e convence o deus Hades a permitir sua volta ao mundo dos vivos. Este consente, com a condição de que ele saia sem olhar para trás; por desgraça, Orfeu desobedece e olha para a esposa, que imediatamente mergulha na escuridão. O mito foi o tema da primeira ópera, criada no final do Barroco: *Eurídice*, obra do compositor italiano Jacopo Peri, estreou em 6 de outubro de 1600 em Florença, para a festa de matrimônio entre Henrique IV de França e Maria de Médici!



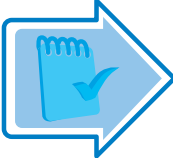
Figura 12: Paisagem com Orfeu e Eurídice (cerca de 1650), óleo sobre tela do pintor francês Nicolas Poussin (1594-1665).

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nicolas_Poussin_070.jpg

O mito de Orfeu reúne os principais temas da obra de Vinícius: a mulher, a fé no amor absoluto e a obsessão pela morte, transpostos poeticamente para as favelas cariocas. No musical, Orfeu é um sambista, filho de um músico e uma lavadeira, que vive no morro. Sua paixão por Eurídice desperta o ciúme e o desejo de vingança em Mira, uma ex-namorada. Esta leva Aristeu, que é apaixonado por Eurídice, a matá-la. Numa terça-feira, último dia de Carnaval, Orfeu desce do morro enlouquecido e vai até o Clube “Os Maiores do Inferno”, procurar sua amada. Mas, seu esforço é inútil: não consegue resgatar Eurídice do mundo dos mortos. Solitário, volta à favela, onde é morto por Mira.

A leitura dramatizada de *Orfeu da Conceição* pelo grupo teatral Nós do Morro foi apresentada no dia 16 de abril de 2014, durante a Exposição “Vinícius de Moraes - 100 Anos” na Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro, como parte das comemorações em homenagem ao centenário de nascimento do “poetinha”. O Nós do Morro surge em 1986 com o Projeto Teatro-Comunidade, no Morro do Vidigal, Rio de Janeiro, como fruto das ideias do jornalista e ator Guti Fraga. No início, o objetivo era apenas dar maior acesso à arte e à cultura. Hoje, o projeto se consolidou e oferece cursos de formação nas áreas de teatro (atores e técnicos) e cinema (roteiristas, diretores e técnicos), além de oficinas de canto, dança e música para crianças, jovens e adultos da comunidade.

Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Arte e revolução.	Computador com acesso à Internet.	Utilizar obras de diferentes linguagens artísticas (artes visuais, cinema, música, poesia) para discutir o caráter transformador da arte, tanto a nível pessoal quanto social.	Não há.	2 aulas de 50 minutos.

“Com os bons sentimentos sempre se fez a má literatura”. Essa é uma frase do escritor francês André Gide que pode funcionar bem como um elemento de síntese de todas as discussões realizadas na Unidade 4. Procure debater com os alunos a frase, tendo em vista antes de tudo o fato de que arte não é simplesmente aquilo que nos diverte e toca em nossos sentimentos mais medianos, mas, ao contrário, é aquilo que antes de tudo é capaz de produzir uma transformação em nossas existências, que nos confronta com problemas e nos impele muitas vezes a questionar o modo como costumamos solucionar esses problemas.

Aspectos Operacionais

1º Passo: Discuta com os seus alunos que experiências transformadoras eles já tiverem com a arte: um show de música, um filme comovente, um livro impactante, um quadro de tirar o fôlego, um dançarino inacreditável, uma escultura que dá vontade de tocar, um prédio ou uma ponte meio “loucos” etc.

2º Passo: Acrescente às experiências deles outros exemplos que caracterizem bem o caráter transformador da arte. Seguem alguns links que podem ser muito úteis nesse caso!

a)



Figura 13: Cartaz de divulgação do filme *Laranja mecânica*.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Clockwork_Orange#mediaviewer/Ficheiro:A-clockwork_orange-poster.jpg

Veja, antes da aula, o filme *Laranja mecânica*, de Stanley Kubrick (1971). Fale com os alunos sobre o tema da violência no filme e a tentativa de controlar aquele indivíduo considerado marginal ou “fora dos padrões” por meio da eliminação forçada dos aspectos indesejáveis do seu comportamento (como o tratamento por eletrochoque, um procedimento médico indicado para “acalmar” pacientes psiquiátricos considerados agressivos). Por fim, passe a cena “A cura”, acentuando a força da música de Beethoven e o poder das imagens do filme de Kubrick. A cena se encontra no seguinte link do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=RDKGgL9UvtI>



Figura 14: Carlos Santana, guitarrista e compositor mexicano, tornou-se famoso pela atuação de sua banda Santana Blues Band no Festival de Woodstock em 1969, quando conquistou projeção mundial.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Santana

Procure fazer um trabalho de pesquisa com os alunos sobre o Festival de Woodstock, ponto culminante das gerações *hippie* e *beatnicos* anos de 1960, nos Estados Unidos da América. Pergunte sobre o que eles sabem sobre esses dois movimentos e forneça-lhes algumas informações sobre o contexto de resistência cultural e denúncia sobre a Guerra do Vietnã. Em seguida, mostre o vídeo da “lenda do rock” Carlos Santana, enfatizando o caráter apoteótico dos solos de guitarra e de bateria: https://www.youtube.com/watch?v=oMjgaTt0_UQ

Passe o vídeo de dança contemporâneo que se encontra no link do youtube <https://www.youtube.com/watch?v=9miLa5OPZlw> e sonde as impressões dos alunos depois de ver o vídeo. Tente estabelecer links entre o corpo e a lei da gravidade e fale sobre o poder do dançarino de, aparentemente, subverter essa lei. Aproveite para falar sobre liberdade e desprendimento.

Leia com os alunos os seguintes trechos do poema “Bomba suja” (1962) de Ferreira Gullar e converse com eles sobre a força crítica do poema sobre a triste atualidade do que está dito no poema e sobre a mensagem de esperança que surge inesperadamente no final.

A Bomba Suja

Introduzo na poesia

A palavra diarreia.

Não pela palavra fria

Mas pelo que ela semeia. (...)

Que mata mais do que faca,

mais que bala de fuzil,

homem, mulher e criança

no interior do Brasil. (...)

Cabe agora perguntar

quem é que faz essa fome,

quem foi que ligou a bomba

ao coração desse homem. (...)

Mas precisamos agora

deter o sabotador

que instala a bomba da fome

dentro do trabalhador.

E sobretudo é preciso
trabalhar com segurança
pra dentro de cada homem
trocar a arma de fome
pela arma da esperança.

3º Passo: Depois de acentuar o caráter revolucionário da arte, mostre também a quantidade enorme de pessoas que participam da “criação coletiva” da obra de arte. Lembre a eles que, por detrás de cada imagem do cinema, há um electricista, uma cozinheira, um técnico de luz e de som, um mensageiro, um faxineiro etc. Tente puxar pela imaginação dos alunos e pergunte se eles podem enumerar as pessoas que trabalham dando suporte técnico à realização das obras de arte. Por exemplo: quantas pessoas precisam trabalhar para que um show aconteça e possamos cantar junto com os nossos cantores prediletos? E uma exposição, em um museu? E a televisão e o teatro? Quantas pessoas estão ali, vivendo o dia a dia da arte, a arte como trabalho, como técnica, como sustento da vida sem qualquer metáfora?

Aspectos Pedagógicos

O importante na presente atividade é:

1) Conseguir mostrar que o papel da arte vai muito além do entretenimento fugaz ou da fruição estética da obra artística, mesmo por séculos depois de criada. Para isso, o método mais adequado talvez seja, a princípio, promover um contraste: acentue as diferenças entre arte revolucionária e arte comercial. Discuta a partir daí os problemas que surgem com a perda de seu potencial transformador, como: a submissão aos critérios do mercado, perda de criatividade, repetitividade, ausência de reflexão por parte do público, dificuldade de adequação ao mercado etc.

2) Levar os alunos a questionarem o próprio lugar da arte em suas próprias vidas. Para que ela “serve”? Para relaxar, amar, conhecer algo novo?

3) Estimular a percepção de que há muitas formas de se fazer arte, mesmo que não sejam consideradas “artísticas”, e também há muitas formas de participar, mesmo que indiretamente, da realização de obras de arte.

Lembre-se: a ideia do que é “arte” depende da época, do lugar e, sobretudo, de *quem* diz o que é ou não é arte!